

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



ANTA DA CASA DA MOURA: UM MONUMENTO MEGALÍTICO NO MACIÇO CALCÁRIO DE SICÓ

Fernando Silva, António Monteiro¹, Gertrudes Branco², Leonor Rocha³

RESUMO

A anta da Casa da Moura é um dos escassos monumentos megalíticos registados no concelho de Soure. Descoberto no início dos anos noventa seria objecto de três campanhas de escavação efectuadas com o objectivo de contribuir para o conhecimento cronológico e cultural das práticas funerárias megalíticas no Maciço Calcário de Sicó (Serra do Rabaçal).

Os dados compilados apontam para a existência de um monumento de planta poligonal alongada de corredor curto, com os esteios calcários fincados no substrato margoso, com indícios pouco significativos de mamoa. O espólio, em quantidade significativa, todavia escasso em exemplares cerâmicos e líticos, apresenta uma variedade relevante de restos osteológicos humanos.

Palavras-chave: Megalitismo, Maciço Calcário de Sicó.

ABSTRACT

Casa da Moura is one of the few megalithic monuments registered in the municipality of Soure. In this monument were carried out three campaigns of archaeological excavation with the aim of contributing to the chronological and cultural knowledge of the megalithic funerary practices in the Maciço Calcário de Sicó (Serra do Rabaçal).

The data compiled point to the existence of a monument with an elongated polygonal plan and short corridor, with the limestone lages planted in the marly substrate. There were scarce vestiges of the tumulus. The collected archaeological remains are scarce in ceramic and lithic fragments, however, it presents a relevant variety of human osteological remains.

Keywords: Megalithism, Portugal, Maciço Calcário de Sicó.

1. INTRODUÇÃO

A anta da Casa da Moura teve três intervenções arqueológicas (Setembro 2001, 2002 e 2003) desenvolvidas sob a responsabilidade científica dos arqueólogos Fernando Pereira da Silva† e António Nunes Monteiro. Estas intervenções inseriram-se num projecto de investigação, enquadrado institucionalmente por um Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA), com a designação: “*Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura*” (EVACM).

Os trabalhos contaram com o apoio da Câmara Mu-

nicipal de Soure (financeiro), da Câmara Municipal de Penela (logístico), da população de Pombalinho (p. ex. no corte da vegetação), e com a participação de diversas pessoas e instituições, desde logo, a estudante de antropologia da Universidade de Granada, Olalla Costas.

O projecto de investigação tinha como objectivo o estudo científico deste monumento megalítico e a sua posterior musealização. Infelizmente, o precoce falecimento do Dr. Fernando Silva não permitiu a conclusão dos trabalhos de escavação e o posterior estudo e publicação dos resultados.

1. ajoao.monteiro@gmail.com

2. CHAIA/UE; gertrudes.branco@gmail.com

3. Universidade de Évora / Escola de Ciências Sociais. Investigadora do CEA ACP; Improcha@gmail.com

A importância do monumento megalítico da Anta da Casa da Moura, descrita pelos autores (Silva & Monteiro, 2002: 3), como: “*uma das raras sepulturas megalíticas reconhecidas para o concelho de Soure*”, justificou a união dos signatários em torno deste artigo, como forma de homenagem ao arqueólogo (e colega) Fernando Pereira da Silva, acreditando que este constituirá um relevante contributo para a continuidade do estudo do megalitismo na região centro do país, ao qual Fernando Silva dedicou a maior parte do seu percurso de investigador.

2. ENQUADRAMENTO

A contextualização do sítio arqueológico da Anta da Casa da Moura, enquanto ocorrência patrimonial com representação cartográfica na paisagem contemporânea, teve por base as unidades territoriais definidas por Alexandre Cancela d’Abreu, em colaboração com Teresa Pinto Correia e Rosário Oliveira – *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal continental* – publicada pela Direcção Geral de Ordenamento do Território e do Urbanismo, em 2004.

Esta obra identifica 128 unidades de paisagem em Portugal Continental agrupando-as em 22 grupos “*semelhantes em relação a um conjunto de características físicas, sobretudo, mas também com traços comuns quanto à ocupação humana*” (Correia, Cancela d’Abreu e Oliveira, 2001: 203)

A metodologia utilizada na identificação das unidades de paisagem considera os pressupostos adoptados em alguns países europeus e encontra-se magistralmente explicada nas publicações dos autores (*idem: ibidem*) pelo que referir-nos-emos apenas a alguns dos aspectos que fundamentaram a nossa opção pelo resultado do seu trabalho.

As unidades territoriais caracterizadas procuram ser holísticas e representativas de várias componentes: “*a ecológica, relativa à parte física e biológica dos ecossistemas; a cultural, onde tanto os fatores históricos como as questões de identidade e as qualidades narrativas da paisagem são consideradas; a socio-económica, referindo-se aos fatores sociais e às atividades económicas, assim como as respetivas regulamentações, condicionadoras da ação humana que permanentemente constrói e transforma a paisagem; e finalmente a sensorial, ligada às impressões causadas pela paisagem*” (*idem: ibidem*).

Neste contexto, a Anta da Casa da Moura localiza-se geograficamente no interior do Grupo K, correspondente aos “*Maçços Calcários da Estremadura*”, dentro dos limites da Unidade de Paisagem “*Maçço Calcário Coimbra-Tomar*” (Figura 1).

A identidade da Unidade de Paisagem “*Maçço Calcário Coimbra-Tomar*” caracteriza-se morfológicamente pela presença de calcários imponentes, “*secos e descarnados*”, que se distinguem claramente da paisagem envolvente. Entre os relevos predominantes destacam-se as serras de Sicó (ou serra de Ansião), a do Rabaçal e a de Alvaiázere.

A Anta da Casa da Moura localiza-se no Maçço de Sicó, numa posição fronteira entre a serra do Rabaçal (norte), a serra de Sicó (sul) e o vale, estruturado pelo curso do Rio de Mouros, afluente da Bacia Hidrográfica do Rio Mondego (Figura 2).

Lúcio Cunha (2003: 1) descreve o Maçço de Sicó como um dos principais maços calcários carsificados da Orla Mesoceno-zóica Ocidental Portuguesa. Os seus processos de carsificação são “*responsáveis por paisagens sui generis, em que a rocha nua, perfurada e lavrada em espectaculares campos de lapíás, as vertentes íngremes e pedregosas, associadas a profundos canhões fluvio-cársicos ou a falhas recentes, e a depressões fechadas*” são uma marca característica. Neste maço, a vegetação autóctone é rasteira e pouco densa. Nas pequenas manchas florestais, as árvores, em regra pinheiro e eucalipto, surgem frequentemente cobertas de musgos e fetos, mercê de uma forte influência atlântica. Estas características do coberto vegetal são uma das consequências da magreza e da descontinuidade espacial dos solos, assim como da falta de água generalizada, que se escoam por entre as grutas, exurgências e dolinas.

Na região pratica-se “*uma magra agricultura de sequeiro no fundo das dolinas, doutras depressões cársicas e dos vales secos [esta] implica sempre um árduo trabalho de despedrega de que os muros de pedra solta ou simples amontoados de pedra (os “moroços”) são testemunhos inseridos na paisagem*” (*ibidem: 2*). O pastoreio faz-se tradicionalmente nas áreas mais agrestes da serra, onde o gado ovino beneficia das pastagens naturais e onde proliferam os pequenos abrigos de pastor.

É neste espaço de fronteira, entre o vale agrícola e a serra, seca e “nua”, aproveitada, essencialmente, para a prática da pastorícia que se localiza a Anta da Casa da Moura (Figura 2).

3. ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

As acções de escavação foram antecedidas da remoção integral, por meios mecânicos (ceifadora) e manuais, de toda a vegetação herbácea e arbustiva, após a qual, o monumento foi inserido numa malha quadrangular virtual, composta por 12 metros de lado, subdivididos em 36 quadriculas de 2x2m. Ao eixo das abcissas (X) foram atribuídas letras de A a F, e ao eixo das ordenadas (Y) a numeração de 1 a 6 (Figura 3).

O posicionamento da quadrícula virtual foi obtido “a partir da marcação de dois eixos ortogonais, orientados pelos pontos cardiais” (Silva & Monteiro, 2002: 6), segundo um ponto central, inserido no espaço da câmara megalítica, procurando abarcar toda a extensão do *tumulus*, que à data se encontrava topograficamente imperceptível.

Todos os sedimentos, obtidos por decapagem fina, foram peneirados, em crivo de malha fina. Os materiais recolhidos foram inventariados, e registados em fichas elaboradas para o efeito.

Os autores referem ainda que: “todas as acções foram devidamente registadas em película fotográfica colorida e em diapositivos também coloridos” (Silva & Monteiro, 2002: 8).

3.1. Campanha 1 (01)

Os trabalhos de escavação decorreram entre 3 e 14 de Setembro de 2001 tendo-se iniciado com a decapagem dos sedimentos húmidos superficiais, na área das sanjas previamente marcadas (Figura 3).

Durante esta campanha, a escavação não ultrapassou os níveis superficiais (cerca de 0,30cm). Os sedimentos eram compostos por argilas extremamente endurecidas, mas bastante afectados pelo plantio recente de eucaliptos. Como referido no respectivo relatório: “na área da câmara megalítica não se interveio pelo facto de se tratar do único espaço não afectado pela “eucaliptização”, embora fossem evidentes os vestígios de violação (existência de fragmentos ósseos humanos entre os interstícios dos esteios)” (Silva & Monteiro, 2002:7).

Sobre os aspectos metodológicos desta campanha, os autores esclarecem: “(...) em caso algum, se tomaram cotas dos materiais arqueológicos dado que os mesmos foram recolhidos nos níveis remexidos para o plantio de eucalipto (...)” (ibidem)

Como síntese desta campanha de escavação, importa relevar:

- O aspecto inicial do monumento era o de um conjunto de lajes calcárias (Figura 4), “dispostas em polígono irregular, de abertura voltada a nascente”; (ibidem: 8)
- A sanja norte (quadrados D3; E3 e F3) encostava-se ao esteio lateral direito, que define a câmara funerária por norte. A sua escavação não revelou qualquer vestígio de contraforte ou espólio arqueológico;
- A sanja oeste (quadrados C4; C5 e C6) encostava-se ao esteio lateral esquerdo, que se apoia na laje de cabeceira, pelo lado sul. A sua escavação revelou uma área remexida, com vestígios da possível contrafortagem do esteio da câmara megalítica, tendo sido recolhido algum material arqueológico;
- A sanja leste (quadrados D1; D2; D3) materializa-se defronte da laje de cabeceira. A sua escavação revelou a existência de um aglomerado de blocos de calcário, soltos e desconexos, entre sedimentos de coloração escura, “ricos” em materiais arqueológicos, com evidentes indícios de revolvimentos.

Com base nos resultados obtidos, no decurso da escavação da sanja leste, os investigadores colocam a hipótese do aglomerado de blocos “apontar para uma presença vestigial do contraforte, neste ponto da sepultura [defronte da laje de cabeceira], a qual, de acordo com os dados já disponíveis, não custa acreditar que se tratará de uma sepultura de corredor, a que faltarão, eventualmente, os esteios do mesmo” (ibidem: 11).

Neste contexto interpretativo os sedimentos escuros, “ricos” em materiais arqueológicos, pertenceriam ao “percurso” interno do corredor, que culminaria numa câmara megalítica, a qual apresenta uma grande laje de cabeceira, voltada a nascente, a partir da qual se dispõem os restantes esteios, que definem um espaço poligonal alongado.

3.2. Campanha 2 (02)

Os trabalhos de escavação decorreram entre 4 e 14 de Setembro de 2002. Após os trabalhos iniciais de limpeza e reposição da malha quadriculada, procedeu-se à continuidade dos trabalhos de escavação, segundo a metodologia inicialmente definida, nomeadamente, decapagem fina dos sedimentos pela ordem inversa à da sua deposição.

No decurso desta campanha, e sempre sublinhando a resistência das margas calcárias ao percurso da

escavação, procederam à execução dos seguintes trabalhos:

- Na sanja leste deu-se continuidade aos trabalhos de escavação com alargamento à quadrícula D4, a qual corresponde à área junto da laje de cabeceira, onde são evidentes os vestígios de “violação”;
- Na sanja oeste as acções de escavação concentram-se nas quadrículas C3, C4 e C5, que correspondem, respectivamente, à quadrícula no centro da câmara, que abrange os sedimentos junto da laje de cobertura, e ao espaço junto do esteio esquerdo da laje de cabeceira.

Os trabalhos realizados no decurso desta segunda campanha confirmaram, na sanja leste, “*o que poderíamos designar de “violação acentuada”, mas que tem a ver directamente, com a utilização de maquinaria para a ordenação das surribas do plantio do eucalipto*” (Silva & Monteiro, 2002: 7), a qual provocou danos irrecuperáveis no monumento.

Se na campanha anterior (2001) se antevia a existência de um corredor, pela constatação de um estrangulamento, no substrato geológico, que limitava o acesso ao interior da câmara funerária, assim como pela presença de intrusões de terras escuras, que sugeriam a existência de negativos de valas de colocação de lajes, a segunda campanha (2002) mostrou a existência, de pelo menos duas lajes em calcário “*violentamente desbastadas na sua superfície distal, sobrepostas e alinhadas pelo esteio lateral direito da sepultura, sugerindo que deste lado se prolongaria a câmara funerária*” (*ibidem*: 9), que confirmam a existência de um corredor, aparentemente descentralizado em relação ao eixo cardinal da câmara megalítica.

Sobre a escavação das quadrículas D3 e D4 (sanja leste) importa referir que os vestígios de violação aparentavam concentrar-se junto ao primeiro esteio lateral direito e junto da face interna da laje de cabeceira. O centro da câmara não aparentava sinais de violação, pelo menos, em época recente.

Na sanja oeste continuou-se a escavação das quadrículas C4 e C5, ao nível da unidade estratigráfica [UEo2], e iniciou-se a escavação da quadrícula C3 [UEo1], delimitada, sensivelmente, a leste pela laje de cobertura aí tombada obliquamente.

O grosso do material arqueológico surge nos sedimentos de cor castanho-escuro, terroso e compactado, entre os blocos líticos acumulados junto das faces interna e externa dos esteios e, parcialmente, da laje de cobertura.

Na [UEo1] da quadrícula C3 foram recolhidos alguns materiais arqueológicos, nomeadamente, fragmentos ósseos, alguns dentes humanos e uma ponta “tipo Palmela”, muito bem conservada, a qual é referida como tendo dado entrada no Museu Monográfico de Conímbriga para limpeza e conservação. Esta peça é entendida pelos autores como tendo “*sido “projectada” para o espaço cameral e integrada nos sedimentos superficiais, no decurso dos revolvimentos verificados junto das faces internas dos esteios e que (...) se terão devido a intrusões animais*” (*ibidem*: 14).

Sobre esta campanha de escavação importa sublinhar as suposições dos investigadores que, perante as características da camada de argila, que aparenta ter selado todo o enchimento da câmara funerária, referem que “*se deverá tratar de uma camada de deposição antrópica, intencional, com o objectivo de selar o/ou os conjuntos funerários aí depositados*” (*ibidem*: 16).

3.3. Campanha 3 (03)

Contrariamente ao sucedido para as duas primeiras campanhas de escavação, documentadas a partir dos relatórios de progresso, a terceira campanha de escavação, apenas se encontra documentada pelo “Diário de Campo” referente aos trabalhos desenvolvidos entre 1 e 4 de Setembro de 2003.

Como nota introdutora, sublinhada como importante, é referido pelos investigadores que “*falta efectuar o levantamento topográfico do sítio, perfis estratigráficos e planta da sepultura ao nível do solo*”. O “Diário de Campo” regista como acções desenvolvidas, após os regulares trabalhos de limpeza e reafirmação das marcações de campo:

- Sanja sul: marcação de uma quadrícula (B3) para definição do limite sul do espaço sepulcral. Na decapagem da camada superficial foi recolhido espólio arqueológico;
- Sanja leste (quadrículas D1, D2 e D4) continuidade dos trabalhos de escavação junto do esteio de cabeceira com recolha de mobiliário funerário, nos sedimentos terrosos da violação (Figura 5);
- Sanja leste (quadrícula D3 e D4), divisão da metade oeste da quadrícula D3 (a, d) e na metade este da quadrícula D4 (c, b), em quadrados de 1 metro por 1 metro; a escavação desta área revelou apenas alguns fragmentos cerâmicos;
- Sanja oeste (quadrícula C4) continuidade dos

trabalhos de escavação, junto ao esteio lateral esquerdo, com recolha de mobiliário funerário, nos sedimentos terrosos da violação. Divisão desta quadrícula, em quadrados de 1 metro por 1 metro, com decapagem do quadrante C4c;

- Sanja oeste (quadrícula C3) divisão desta quadrícula, em quadrados de 1 metro por 1 metro, designados segundo os ponteiros do relógio: a, b, c, d. A decapagem da [UE2] da quadrícula C3a e C3c revelou-se arqueologicamente estéril.

4. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Na 1.^a campanha foram identificadas 534 peças correspondendo 81,84% a fragmentos ósseos humanos (excluindo dentes), 11,99% a fragmentos cerâmicos e 3,56% a líticos, maioritariamente, lascas e restos de talhe.

Na 2.^a campanha todo o material recolhido foi recuperado nos sedimentos provenientes das “violações”, ou seja, nos sedimentos castanhos-escuros e soltos, da área da câmara e, principalmente, junto dos esteios.

Constatou-se que na distribuição dos materiais arqueológicos, estes ocorrem principalmente no interior ou nas proximidades da câmara megalítica em detrimento da quantidade recolhida na periferia/ exterior da mesma.

Encontram-se inventariados, em anexo ao relatório, 2590 peças arqueológicas. Em termos percentuais 91,2% correspondem a fragmentos de ossos humanos, referidos como “*material em estudo na Universidade de Granada*”, 4,2% fragmentos cerâmicos; 2,9% dentes; 1,7% peças líticas e 0,1% peças metálicas. As peças metálicas correspondem a uma ponta “tipo” Palmela, recolhida na camada superficial [UEo1] da quadrícula C3 e a uns fragmentos de ferro que, pela sua dimensão e mau estado de conservação, não é possível atribuir categoria específica.

O inventário das peças arqueológicas, relativas à 3.^a campanha de escavação, é composto por 2243 referências. Destas, 88% correspondem a ossos, 6,2% fragmentos cerâmicos, 3,5% dentes, 2,1% líticos e 0,1% metal (uns fragmentos de ferro que pela sua dimensão e mau estado de conservação, não é possível atribuir categoria específica).

Na análise global do espólio pré-histórico recolhido, uma vez que se encontram presentes materiais de outras cronologias (provavelmente do período romano e época moderna), realça-se, pela sua quali-

dade as pontas de seta, algumas integralmente reto-cadas, (Figura 6) os geométricos (estando presentes os três tipos), um lagomorfo em pedra verde e a variedade, também em termos de matéria-prima, das contas de colar (Figura 7).

Curiosamente, este conjunto lítico não aparece acompanhado por um conjunto cerâmico de qualidade. Na realidade, os fragmentos de cerâmica existentes apresentam, maioritariamente pastas com muito pouca qualidade, com abundantes e.n.p e muito porosas.

5. INTERPRETAÇÃO

Os investigadores referem (Silva & Monteiro, 2002: 3): “*a Anta da Casa da Moura constitui o “único” monumento megalítico do concelho de Soure – Matção de Sicó (Serra do Rabaçal)*”. Contudo, tanto quanto puderam observar, e de acordo com informações orais recolhidas, existiriam outros monumentos megalíticos, nas imediações da Anta da Casa da Moura.

No relatório da Campanha 1 (01), os autores apresentam uma fotografia (*ibidem*: imagem 1), ilustrando um amontoado de lajes de calcário de grande dimensão, referindo poder tratar-se de um exemplo de uma sepultura megalítica, destruída no decurso de trabalhos de reflorestação de eucaliptos, atribuindo-lhe, inclusivamente, a designação de Casa da Moura 2.

Esta hipótese é sustentada pelos autores que referem (*ibidem*: 3): “*só nas imediações daquela anta, na área do microtopónimo Mata, identificamos vários amontoados de lajes calcárias e respectivos morouços, também de calcário, que nos leva a acreditar na informação oral recolhida*”, ou seja, nas imediações da Anta da Casa da Moura existiriam outros monumentos megalíticos.

Contudo, o facto da investigação se encontrar numa fase preliminar, aquando da sua abrupta interrupção, e o subsequente desenvolvimento de raras acções de prospecção de campo, deixou por confirmar as informações orais e documentais recolhidas.

As circunstâncias que envolvem a descoberta e escavação deste monumento condicionam a existência de dados arqueológicos seguros que fundamentam interpretações inequívocas. Contudo, sobressai desde logo, pela relativa proximidade geográfica, a existência de possíveis paralelos com os monumentos estudados pela equipa da Professora Ana Bettencourt no

maciço calcário das serras da Boa Viagem e das Alhadas, nomeadamente com o monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Cruz *et al.* (2014).

A descrição feita por estes autores, ao realçarem a implantação geográfica do Cabeço dos Moinhos aproxima-se significativamente da que constatámos na Anta da Casa da Moura: “*Este terá constituído um ponto notável na paisagem com grande abrangência visual sobre a planura litoral da Gândara (a norte), o espaço do Baixo Mondego (a sul) e a serra da Boa Viagem para nascente. Para oeste a visibilidade seria bem mais reduzida tendo em atenção que aí, a linha de cumeeada atinge cotas mais elevadas.*” (*ibidem*:11) Trata-se, no nosso entender, de um monumento, igualmente, localizado numa posição limite entre o vale e a serra.

Ainda que, lamentavelmente, não possuamos a planta do Anta da Casa da Moura, trata-se, à semelhança da Cabeço dos Moinhos, de um monumento de câmara e corredor curto, onde foram identificados restos de ossos humanos, num ritual de inumação, que para além das inúmeras especificidades, sobressaem a simultaneidade dos micrólitos geométricos, das pontas de seta e das contas de colar. Ambos os monumentos aparentam uma reutilização tardia, patente do monumento do Cabeço dos Moinhos na taça de “tipo Palmela” e na Anta da Casa da Moura, num exemplar de ponta de seta de “tipo Palmela”, recolhida na camada superficial [UEo1] da quadrícula C3, curiosamente, aquela onde foram recolhidos um maior número de restos ósseos humanos.

O nosso objectivo, na elaboração deste artigo, foi, como anteriormente afirmámos, não deixar inéditos os dados preliminares da escavação. No final este trabalho veio a revelar-se um desafio maior ao qual não conseguimos responder em tempo útil para esta publicação.

Para além do estudo do espólio arqueológico desenvolvem-se actualmente outros estudos mais específicos, nomeadamente a nível da antropologia biológica e do estudo de matérias-primas e/ou usos de alguns materiais, com o apoio da Universidade de Évora, prevendo-se a sua posterior publicação. Pondera-se, igualmente, a realização de datações absolutas, a partir da análise dos restos ósseos, importantes para a atribuição cronológica da utilização deste monumento.

Naturalmente, esperemos que os dados obtidos, nos permitam fundamentar um melhor enquadra-

mento deste monumento no seu contexto local e regional, desenvolvendo hipóteses que, por agora, não passam de meras linhas de pensamento.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Luís A. e CASTRO, Helena M. A. (1966) – Monumento Megalítico da Feteira. In: *Lucerna*. Actas do IV colóquio Português de Arqueologia, Vol. V, Porto.

CASTRO, Luís A. e FERREIRA, Octávio da Veiga (1969-70) – Monumento Megalítico da Feteira (Pombal). In: *Caesar Augusta*, nº 33-34. Zaragoza.

CORREIA, T. Pinto; CANCELA D’ABREU, A. e OLIVEIRA, R. (2001) – Identificação de Unidades de Paisagem: metodologia aplicada a Portugal Continental. *Finisterra: Regista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. XXXVI, n.º 72, pp. 195-2006.

CRUZ, Carlos; BETTENCOURT, Ana.; CALLAPEZ, P.M.; SILVA, L.M.C.; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2014) – Materiais de construção e materiais líticos nas práticas funerárias neolíticas da serra da Boa Viagem (Centro-Oeste de Portugal). O caso do monumento megalítico do Cabeço dos Moinhos, Figueira da Foz. In: A.M.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H.A. Sampaio, E. Sá (eds.) – *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ, CITCEM, pp. 9-32

CRUZ, Carlos; BETTENCOURT, Ana.; COMENDADOR REY, Beatriz; RODRIGUES, A. (2014) – Achados metálicos do Vouga e do Baixo Mondego (Centro de Portugal): contributos para a sua contextualização e interpretação. In: A.M.S. Bettencourt, B. Comendador Rey, H. A. Sampaio, E. Sá (eds.) - *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga: APEQ, CITCEM, pp. 143-155.

CUNHA, Lúcio (2003) – Maciço de Sicó. Valorização dos recursos naturais e criação de emprego a nível local. In: CAETANO, Lucília (coord.) – *Territórios, do global ao local e trajetórias de desenvolvimento*. CEGC, Coimbra, pp. 185-198.

CUNHA, Lúcio; VIEIRA, António (2004) – Geomorfologia, património e actividades de lazer em espaços de montanha. Exemplos no Portugal Central, Trabalho apresentado em III Seminário Latinoamericano de Geografia Física. In: *Actas do III Seminário Latinoamericano de Geografia Física*. Puerto Vallarta.

LOURENÇO, Luciano (1991) – Contribuição dos incêndios florestais para o desequilíbrio ecológico do concelho de Soure. In: *Cadernos de Geografia*, nº 10 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MONTEIRO, A. Nunes (1996) – Dordias (Pombalinho – Soure): Uma Estação Romana no Território da Ladeia. *Revista Portuguesa de História*. Tomo XXXI, Vol. I, pp. 77-98.

SILVA, Fernando A. Pereira da e MONTEIRO, António Nunes (2002) – *Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura (Campanha 01)*. Relatório Técnico-Científico. Texto Policopiado. 16 p.

SILVA, Fernando A. Pereira da e MONTEIRO, António Nunes (2002) – *Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura (Campanha 02)*. Relatório Técnico-Científico. Texto Policopiado. 19 p.

SILVA, Fernando A. Pereira da e MONTEIRO, António Nunes (2003) – *Estudo e Valorização da Anta da Casa da Moura (Campanha 03)*. Anexo: inventário geral dos materiais arqueológicos. Texto Policopiado. 42 p.

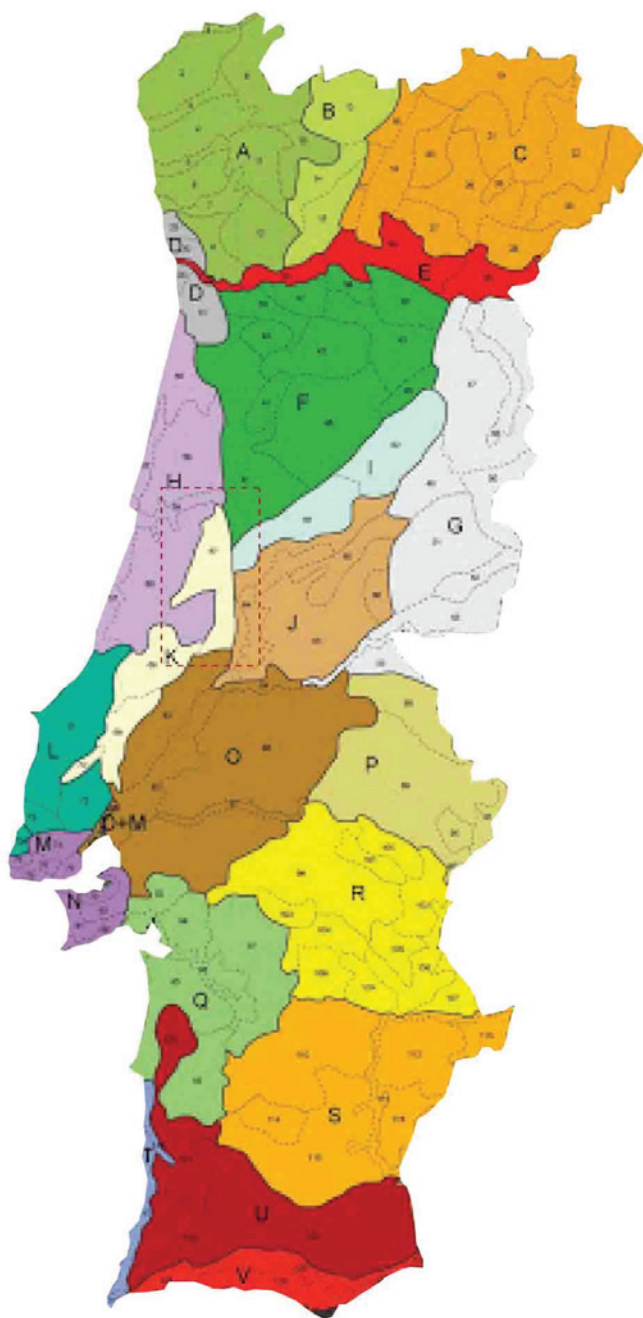


Figura 1 – Unidades e Grupos de Unidades de Paisagem de Portugal Continental, com localização da Unidade de Paisagem “Maciço Calcário Coimbra-Tomar” (Cancela d’Abreu, Correia e Oliveira: 2004).

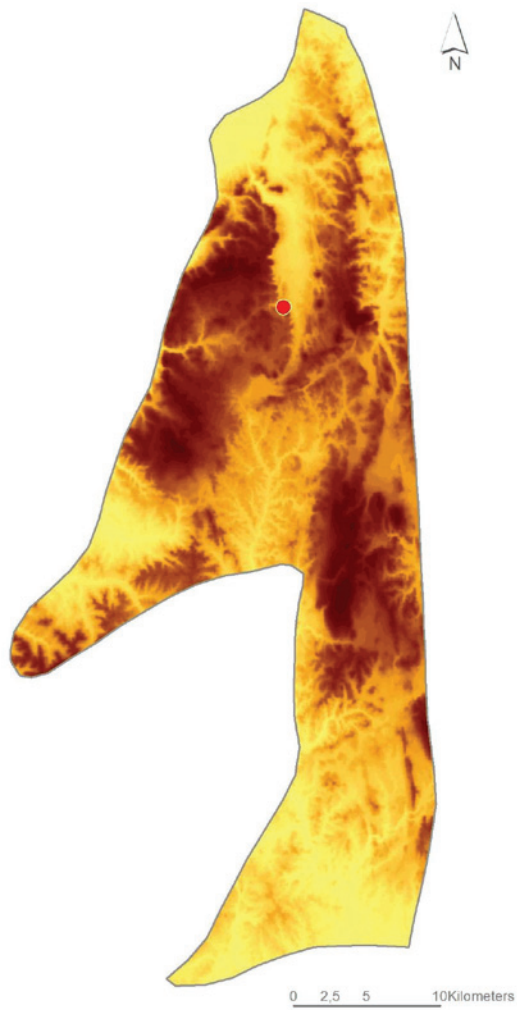


Figura 2 – Limites da Unidade de Paisagem “Maciço Calcário Coimbra-Tomar”, de acordo com os limites estabelecidos por Cancela d’Abreu, Correia e Oliveira (2004).

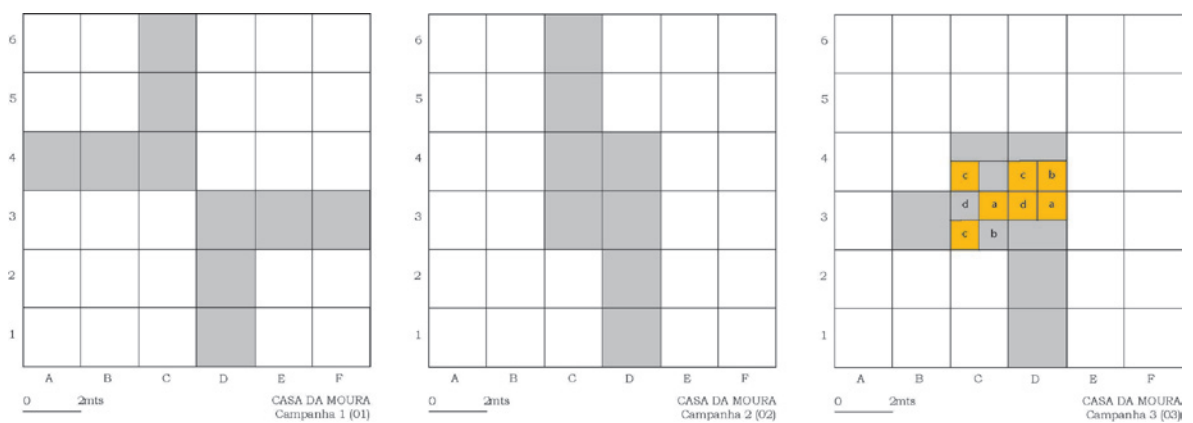


Figura 3 – Quadrículas de escavação, segundo os autores (Silva & Monteiro, 2002).



Figura 4 – Aspecto do monumento, no início da escavação.



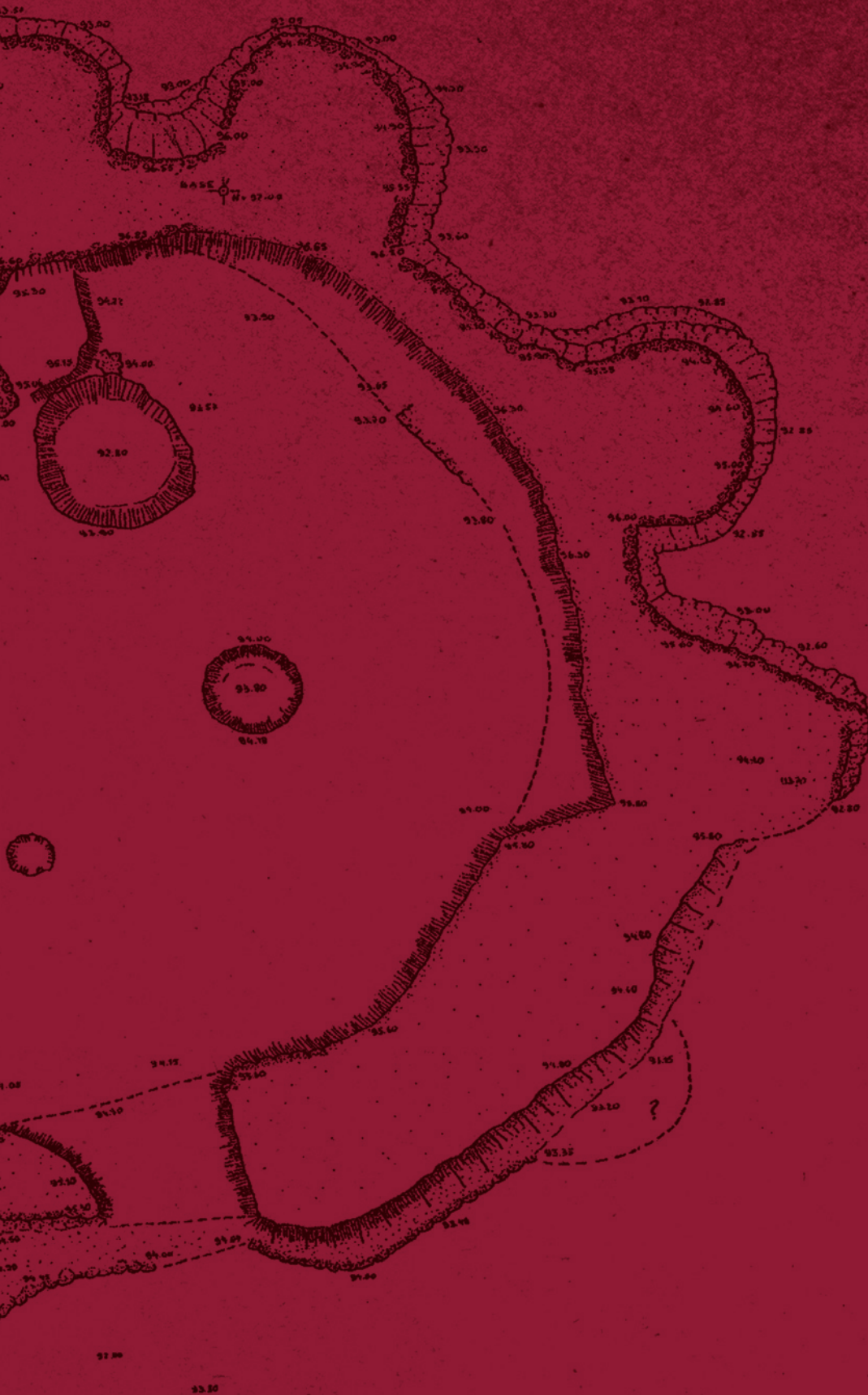
Figura 5 – Vista da escavação da quadrícula D1.



Figura 6 – Conjunto de pontas de seta identificadas.



Figura 7 – Conjunto de contas de colar.



Patrocinador oficial